



PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM MEMES DA ESTIGMATIZAÇÃO À RESISTÊNCIA

Tais Natasha Gomes

(UniFCV – Pós-graduanda)

Jakeline Semechechem

(UFRB – Professora Adjunta)

Milena Santos Cardoso

(UFRB - Graduanda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Tais Natasha Gomes é aluna do curso de Pós-graduação lato sensu em Alfabetização e Letramento no Centro Universitário Cidade Verde (UniFCV). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: taisgomes777@gmail.com

Jakeline Semechechem é professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na área de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores (CFP). É doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR), com estágio de doutoramento na Universidade de Coimbra (UC/PT), mestre em Letras também pela Universidade Estadual de Maringá e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. É vice-líder do Grupo de Pesquisa "Língua(gem), Letramentos, Diversidade e Formação docente" (CNPq/UFRB). Desenvolve trabalhos na Linguística Aplicada, contemplando temas como letramento, ensino e aprendizagem de língua portuguesa, multilinguismo, políticas linguísticas e formação docente. E-mail: jakeline@ufrb.edu.br

Milena Santos Cardoso é aluna do curso de Letras na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e é membro do grupo de pesquisa "Língua(gem), Letramentos, Diversidade e Formação docente". E-mail: milenacardoso35@outlook.com

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este artigo discute o preconceito linguístico presente em memes que circulam na <i>internet</i>. Os pressupostos teóricos que o fundamentam são sobre variação linguística, relações de poder no uso da linguagem e preconceito linguístico. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, cujo <i>corpus</i> de análise se constitui de memes selecionados do <i>Google</i> imagens. Em termos de resultados, verificamos que o preconceito linguístico é mais recorrente em relação à variedade social da língua e à noção de erro linguístico em contextos nos quais os usos na fala e na escrita não estão conforme a norma culta. Também identificamos que os memes não apenas o veiculam, mas também apresentam posicionamentos contrários e de combate a ele, embora algumas vezes contendo violência subjacente. Desse modo, o gênero textual analisado colabora com a circulação do preconceito linguístico na <i>internet</i>, o que contribui para o estigma, a opressão e a exclusão de pessoas e de grupos sociais, mas, ao mesmo tempo, também expressa resistência.</p>	<p>This article discusses the linguistic prejudice present in memes on the internet. The theoretical assumptions underlying this study are about linguistic variation, power relations in language use and linguistic prejudice. This study is a qualitative in nature and the memes that make up the corpus of analysis were selected from Google Images. The authors conclude that the linguistic prejudice expressed in memes is more recurrent in relation to the social variety of the language and the notion of linguistic error in relation to linguistic uses in speech and writing, when the uses do not follow a standard language. The memes not only convey linguistic prejudice, but also present opposing to prejudice positions, although sometimes containing implicit violence. Thus, through the textual genre meme circulates linguistic prejudice on the internet, which contributes to the stigma, oppression and exclusion of people and social groups, but at the same time, with the memes also is expressed resistance to this type of prejudice.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Variação linguística; Preconceito linguístico; Memes	Linguistic variation; Linguistic prejudice; Memes

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico sempre esteve presente nas diferentes esferas da comunicação humana. Dentre as que o veiculam, a midiática sempre teve um papel importante (BAGNO, 1999, 2007, FARACO, 2008, SCHERRE, 2005). Scherre (2005) mostra como a mídia expressa preconceito linguístico em relação às variedades populares do português brasileiro, bem como grandes jornais e revistas do Brasil, na época.

Lucchesi (2015, p. 35) ressalta que “no universo cultural da sociedade brasileira contemporânea, a inovação tecnológica convive, lado a lado, com relações sociais tão arcaicas quanto o trabalho análogo à escravidão”. Assim, mesmo que atualmente no Brasil haja avanço dos novos meios de comunicação, em especial, da indústria cultural e das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), ainda se reproduzem discursos ultrapassados, sobretudo, em relação à língua.

A língua também pode ser um poderoso instrumento de dominação, de preservação ou destrocamento das identidades individuais, de exclusão, de opressão, e, acima de tudo, de poder (GNERRE, 1991; BAGNO, 1999, 2007; SCHERRE, 2005, 2008, 2013).

Nesse sentido, ao tratarmos de linguagem, também nos referimos a poder, exclusão e, conseqüentemente, preconceito linguístico, que é, de acordo com Lucchesi (2015, p. 21), “[...] resultado da violenta divisão que rasga a sociedade brasileira”. Além disso, com a expansão da internet, principalmente das mídias sociais, e com a circulação de novos gêneros nos meios digitais, é possível identificarmos não somente a heterogeneidade e variação da língua portuguesa, mas também as manifestações de exclusão e preconceito em relação a algumas de suas variedades.

Tendo em vista essa realidade, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativo-interpretativa que investigou o preconceito linguístico presente em memes que circulam na *internet*, por meio de buscas no *Google* imagens. Para tanto, discutimos como ele se expressa nesse gênero textual, bem como suas manifestações de resistência. Na primeira seção, discutimos variação linguística e preconceito linguístico; na segunda, apresentamos e discutimos os dados; e, por fim, tecemos as considerações finais do trabalho.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, trataremos da não homogeneidade da língua, da variação linguística e dos conceitos de norma-padrão e norma culta.

1.1 LÍNGUA E VARIAÇÃO

Ao contrário do que os conservadores tradicionalistas das línguas defendem, as línguas não são homogêneas, muito menos produtos prontos e acabados (BAGNO, 2007). Segundo Mollica (2017a, p. 9) “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”, ou seja, apresentam variação e estão em constantes processos de mudanças, pois seu estado é condicionado pelos usos que os falantes fazem dela em suas práticas sociais.

A variação de qualquer língua é organizada, estruturada e condicionada por diferentes fatores que podem ser descritos e explicados (BAGNO, 2007). Mollica (2017b, p. 28) afirma que, embora pareça caótica e aleatória “[...] a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico”.

Ainda de acordo com Bagno (2007), a variação linguística ocorre em todos os níveis da língua, tais como: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático, que correspondem à variação que ocorre no comportamento das pessoas a depender do grau maior ou menor de formalidade durante as interações sociais.

Dentre os fatores que influenciam esse fenômeno, estão os linguísticos (estruturais) e os extralinguísticos (sociais), tais como: origem geográfica/social, renda/status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais etc. (BAGNO, 2007; MOLLICA, 2017b).

Além dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na variação, é preciso considerar a classificação da variação sociolinguística, conforme Bagno (2007).

Quadro 1. Tipos de variação

Varição diatópica	é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar”.
Varição diastrática	é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais. O adjetivo provém de DIÁ- e do latim STRATUM, “camada, estrato”.
Varição diamésica	é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação”.
Varição diafásica	é a variação estilística [...], isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar”.
Varição diacrônica	é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. As línguas mudam com o tempo [...] e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego KHRÓNOS, “tempo”.

Fonte: Quadro desenvolvido com base em Bagno (2007, p. 46-47).

A variação diastrática, por exemplo, é também conhecida como variação social e tem relação com um conjunto de fatores associados a identidade dos falantes e organização sociocultural de suas comunidades, tais como classe social, idade, sexo, grau de escolaridade, profissão etc. (ALKMIN, 2012).

É preciso considerar também os conceitos de norma-padrão e norma culta. A primeira seria “[...] um modelo ideal de língua ‘correta’, inspirado na tradição literária e no falar da aristocracia e assumido (mais ou menos explicitamente) como objeto de trabalho pelos autores das gramáticas normativas [...]”, conforme Bagno (2013, p. 65).

Consoante o autor, os primeiros gramáticos concluíram que essa modalidade linguística (a qual é prescrita conforme a língua dos grandes escritores consagrados do passado) era a que “deveria servir de base para o modelo do ‘bom uso’ do idioma” (BAGNO, 2007, p. 68). Consequentemente, todo e qualquer uso que seja diferente desse modelo idealizado é categorizado como *erro*.

Trata-se, então, de um produto sociocultural, “[...] ninguém fala, efetivamente, o padrão, nem mesmo as pessoas altamente escolarizadas em situações de interação verbal extremamente formais” (BAGNO, 2007, p. 95). Isto é, a norma-padrão é uma entidade totalmente abstrata.

Já por norma culta podemos entender o “[c]onjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008, p. 75). Desse modo, ela é “praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social” (FARACO, 2012, p. 37). Portanto, diferentemente da norma-padrão, a norma culta é realmente empregada pelos falantes mais escolarizados em situações de maior monitoração linguística.

1.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Scherre (2005) salienta que ignorar a variação e a mudança linguística contribui para um dos grandes males da humanidade: o preconceito linguístico, que

[...] é mais precisamente o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro (embora preconceito sobre a própria fala também exista). Sendo assim, o preconceito linguístico submete a tratamento degradante especialmente as pessoas que dominam variedades linguísticas menos prestigiadas e que por meio delas se expressam (SCHERRE, 2013, p. 54-55).

Relaciona-se, intrinsecamente, com a posição do falante na pirâmide de estratificação social. Por isso, as variedades linguísticas empregadas pelas pessoas menos prestigiadas socioeconomicamente serão mais sujeitas à estigmatização. De acordo com Bagno (2007, p. 77) “a avaliação é essencialmente social, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo”, conferindo-lhe, portanto, prestígio ou estigma sociolinguístico.

Para Gnerre (1991, p. 6-7), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘vale’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo de poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Logo, só seria viável a padronização de uma língua que atendesse os interesses políticos e ideológicos do grupo de poder.

Bagno (2013) pondera que há variedades prestigiadas e estigmatizadas, sendo as prestigiadas aquelas faladas e escritas por cidadãos mais letrados e com maior poder aquisitivo, enquanto as estigmatizadas são o conjunto de variedades linguísticas empregadas por cidadãos com menor poder aquisitivo e com menor escolarização.

O autor também considera que o preconceito linguístico está ligado, em boa parte, à confusão que foi criada, entre língua e gramática normativa, num curso da história em que eram considerados corretos os usos linguísticos de acordo com a gramática normativa. Gerando, assim, preconceito para toda língua e norma que desviassem da gramática normativa, da norma-padrão.

Na verdade, vem sendo disseminada na sociedade brasileira – sobretudo, na esfera educacional – a errônea ideia de confundir gramática normativa ou norma-padrão com língua efetivamente em uso nas práticas sociais.

Nessa perspectiva, o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe *uma língua portuguesa digna desse nome*, que seria aquela ensinada nas escolas, presente na gramática normativa e nos dicionários. Para Bagno (1999, p. 40), “qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’”.

Entretanto, o que se classifica, muitas vezes, como *erro linguístico* são apenas as diferenças que se verificam no uso da língua, que fogem das regras prescritas pela tradição gramatical normativa, “[...] trata-se de algum fenômeno de transformação pela qual a língua está passando” (BAGNO, 2007, p. 169). Nesse mesmo viés, Bortoni-Ricardo (2004, p. 37) afirma que “erros de português são simplesmente *diferenças* entre variedades da língua”. Porém, as pessoas usam a noção de *erro* baseada no senso comum e não na teorização científica dos estudos da linguagem (BAGNO, 2009).

Conforme Bagno (1999, p. 13-69), há oito principais mitos em torno da língua que contribuem para a perpetuação do preconceito linguístico na sociedade brasileira. São eles:

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; O Brasileiro não sabe o Português/ Só em Portugal se fala bem Português; O Português é muito difícil; As pessoas sem instrução falam tudo errado; O melhor lugar que se fala o Português é o Maranhão; O certo é falar assim porque se escreve assim; É preciso saber gramática para falar e escrever bem; O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

Também cabe enfatizar que o preconceito linguístico é resultante da necessidade de alguns buscarem alcançar um *purismo* na língua, uma homogeneidade. Mito propagado, majoritariamente, pelos grupos que controlam os meios de comunicação de massa no país (BAGNO, 2015; LUCCHESI, 2015).

Faraco (2015) destaca que algumas variedades sofrem mais estigmas que outras. No livro didático, o autor mostra que o tratamento dado ao fenômeno é muito superficial, uma vez que folcloriza a variação regional ou “estereotipiza” as falas rurais, além de “deixar de fora a variação social que é, de fato, a verdadeira questão a ser enfrentada, já que é ela que serve de critério para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica” (FARACO, 2015, p. 20).

Posto que a hierarquização linguística é construída não por critérios exclusivamente linguísticos, mas sim por critérios históricos, sociais e culturais provenientes da constituição histórica do país (LUCCHESI, 2015). Por isso, Faraco (2020) elucida que podemos, inclusive, questionar e desconstruir essa hierarquização, já que ela é um construto social.

Dessa forma, o preconceito linguístico se assemelha aos outros tipos de preconceitos, que começam pelos pré-julgamentos de uma determinada ação, comportamento, escolha, entre outros fatores, desprovidos de fundamento racional, científico, mas baseados em aspecto cultural e ideológico.

Para Martins (2017), o que diferencia esse preconceito dos outros tipos é a maneira como são tratados, pois:

ao contrário da conotação negativa que os outros preconceitos possuem, o ato do preconceito linguístico é tido, muitas vezes, como algo construtivo, “bom”. [...] Essa consciência é nula tanto para o falante, que aceita a correção e incorpora o discurso de que não “sabe falar direito”, ou de que sua língua “é muito difícil”, como para o interlocutor que o corrige, que acredita que o está ajudando a falar melhor, expressar-se melhor (MARTINS, 2017, p. 310).

Então, muitas pessoas o veem como uma forma de correção construtiva, um modo de, supostamente, ajudar o outro a falar *melhor*. Por esse motivo, ele é tratado como algo natural e relevante, algo implícito que, na maioria das vezes, não podemos ver, mas está cada vez mais alarmante na sociedade.

Por fim, salientamos que as variedades linguísticas consideradas *feias, engraçadas,*

pitorescas (dentre os inúmeros adjetivos depreciativos que são atribuídos às variedades estigmatizadas da língua) são “[...] antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33), portanto, dignas de valorização e respeito.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS MEMES

A partir da busca no *Google* imagens, foram encontrados 21 memes veiculando preconceito linguístico e 14 expressando resistência e combate, os quais constituem o *corpus* do trabalho.

A busca foi realizada no início de 2020 e os termos utilizados foram: preconceito linguístico; preconceito linguístico + memes; variação linguística; variação linguística + memes; variedade linguística + memes; variação da língua + memes; preconceito + língua + memes. Como os dados se referem à nossa busca, é possível que não tenhamos conseguido chegar a todos os memes que circulam na internet com tais conteúdos.

Para a análise com uma abordagem qualitativo-interpretativa, primeiramente, buscamos compreender o que era típico e recorrente nos memes em relação ao preconceito apresentado, bem como em relação ao modo de resistência ao preconceito linguístico. A seguir, apresentamos e discutimos alguns memes representativos do *corpus*.

2.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO NOS MEMES

A seguir, são exibidos dois memes que expressam preconceito linguístico ao apresentarem a crença sustentada na noção de erro linguístico (Fig. 1 e Fig. 2).

Fig. 1 - Falar errado



Fig. 2 - Corrigir erros de português



Fonte: *Google* imagens. Acesso em 10 mai. 2020.¹

¹ Os endereços onde os memes estão disponíveis estão em uma tabela no anexo. Devido à extensão dos links não é possível organizá-los abaixo de cada uma das figuras.

No meme da Fig. 1, o preconceito linguístico se expressa a partir da rejeição ao *crush*/paquera pelo seu modo errado de falar, mesmo sendo um garoto bonito. O gênero aparece protagonizado pela personagem de Chloe, uma menina que ficou famosa ao ter sua imagem usada para gerar humor na *internet*, aparecendo, geralmente, com expressões de tédio e desprezo. Desse modo, o uso de sua imagem também contribui para o sentido de rejeição, pois direciona tais sentimentos ao *crush* apenas por ele falar errado. Além disso, a expressão “#tofora” intensifica o sentido de rejeição e exclusão.

No meme da Fig. 2, com a imagem de Fry, personagem principal da série *Futurama*, também se apresenta crítica em relação à fala das pessoas, tendo em vista a noção de erro linguístico. Dá para entender que ele se preocupa muito com os erros de português do interlocutor. Podemos perceber isso analisando seus olhos semiabertos, o que nos dá a impressão de ele estar analisando a fala de alguém, o que também pode ser depreendido pela expressão “pareço legal mas... fico corrigindo mentalmente seus erros de português”. Cabe salientar que, embora o meme expresse prática de preconceito linguístico por meio do personagem que fica constantemente corrigindo o português dos outros, esse ato não é bem avaliado no meme, quando há reconhecimento pelo personagem de que ele parece legal, mas não é, pois corrige as pessoas.

Nesses memes, o preconceito linguístico está subjacente à noção de erro linguístico. Entretanto, como visto, não devemos pensar que na fala existe certo e errado a ser seguido, o que existe são variedades adequadas e inadequadas que dependem das situações de comunicação.

Podemos dizer que nesses memes a manifestação do preconceito também se dá pela crença nefasta de que existe uma língua “certa”, sustentada pelo mito da homogeneidade linguística, que Bagno (1999) apresenta como o mito 1, intitulado “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”.

Pode-se constatar que ao usar a frase “Você tem que parar de falar errado”, certamente, o falante que “falou errado” não empregou as normas das variedades prestigiadas da língua ou da norma culta. Segundo Scherre (2005, p. 121), “no sentido linguístico, o falante nativo não costuma *errar*, ou seja, não costuma produzir construções que não sejam intuitivamente possíveis [...]”, por isso, não se pode dizer que ele falou errado.

A seguir, nas Figs. 3 e 4, abordamos o preconceito linguístico em relação à escrita nas mídias sociais, que também são alvo de intolerância.

Fig. 3 - Escrever errado



Fig. 4 - Escrever “mim adiciona”



Fonte: Google imagens. Acesso em 10 mai. 2020.

No meme da Fig. 3, a personagem é Zoe Roth, conhecida como a garota do desastre, que ficou famosa após a montagem de uma foto na qual ela aparece com um sorriso maquiavélico em frente a uma residência em chamas, enquanto porta um isqueiro aceso na mão (que pode ser identificado pela luz visível próximo da palavra “escreve”), o que deixa implícito que a personagem também vai colocar fogo em quem escrever errado para ela.

Assim, a partir do texto verbal e não verbal podemos entender que se faz um julgamento depreciativo, denotando que existe uma intolerância com quem não escreve de acordo com a ortografia oficial do país, da norma culta ou da norma-padrão². É importante destacar que nem todos os erros ortográficos configuram representações das variações linguísticas.

No meme da Fig. 4, é possível identificar um humor sático ou humor ácido direcionado para pessoas que escrevem “mim adiciona”, pois o personagem diz “Mim não adicionar, mim ser índio mal”. Há um preconceito duplo, já que estigmatiza o uso da forma oblíqua tônica “mim” no lugar do pronome pessoal oblíquo átono “me”, indicando que a construção pronome oblíquo tônico *mim* + verbo *adicionar* não está em consonância com a norma-padrão, associando-a a um grupo social, no caso os índios. Além disso, é relevante mencionar que no português brasileiro as questões ligadas à flexão de caso são marcadas pela dialeção do português, desde o latim (para uma melhor compreensão da flexão de caso dos pronomes pessoais na língua portuguesa, indicamos a tese de Mendes (2016), “A flexão de caso pronominal no continuum do português popular da Bahia”).

Isso ocorre porque muitas vezes há manifestações preconceituosas em relação a determinados usos do “mim” em associação ao índio³. Todavia, o autor critica o uso do “mim” na frase “mim adiciona”, mas se se considerar a norma-padrão, nota-se que ele

² Não estamos tratando norma culta e norma-padrão como sinônimos.

³ Ver exemplos em páginas da internet que dão dicas sobre língua portuguesa, como no trecho a seguir: “Viu? Mim nunca funciona como sujeito. Nunca? Só na língua dos índios: *mim trabalha, mim caça, mim pesca*”. Disponível em: <http://blogs.correiobrasiliense.com.br/dad/eu-e-mim-emprego/>. Acesso em 31. Maio. 2020.

também a usou inadequadamente, pois empregou o advérbio “mal” em vez do adjetivo “mau”.

Além disso, esse distanciamento em relação às normas padronizadas da língua escrita ocorre em virtude da desigualdade existente em todas as esferas sociais do nosso país, que impossibilita muitas pessoas de terem acesso à escolarização. Diante disso, como afirma Bortoni-Ricardo (2005), uma boa parte da população é predominantemente oral. Logo, não tem acesso à forma padronizada da língua escrita, o que contribui para situações discriminatórias como as dessa análise.

Contudo, os *fiscais da língua* esquecem que metade das pessoas que escrevem dessa maneira estão desorientadas em relação às mudanças da língua ou não têm acesso à norma culta. Esquecem também que um contingente da população indígena já tem acesso à escola e, inclusive, frequenta universidades. Ou seja, também reconhece o uso de “mim” conforme a norma-padrão e a norma culta. No segundo meme, podemos dizer que há saliente expressão de preconceito linguístico em relação a modos de falar de diferentes classes e grupos sociais, à variação social (variação diastrática).

Nas Figs. 5 e 6, temos mais contextos de preconceito linguístico em relação à variação social, especificamente no que tange às variedades linguísticas empregadas por classes sociais e grupos que tiveram menos acesso à escolarização e, conseqüentemente, à norma-padrão e à norma culta do português.

Fig. 5 – A voz do povo

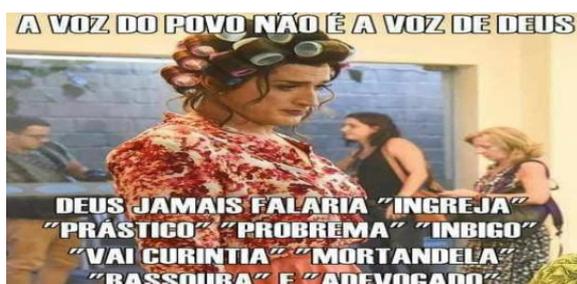


Fig. 6 – A gente vamos



Fonte: Google imagens. Acesso em 10 mai. 2020.

Na Fig. 5, a imagem da protagonista do filme de comédia “Minha mãe é uma peça: o filme” apresenta julgamento depreciativo em relação às pronúncias de determinadas palavras, uma vez que, como explicita o meme: “a voz do povo não pode ser a voz de Deus”, porque “Deus jamaisalaria “ingreja”, “probrema”, “bassoura”, “adevogado”.

Fica nítido o preconceito linguístico na afirmação de que a voz de Deus nunca seria como a das pessoas que falam daquele modo. Cabe ressaltar que quem se utiliza dessa pronúncia são pessoas que não tiveram muito acesso à escolarização. As falas tidas como “erradas”, na verdade, são variantes estigmatizadas da língua, que são condicionadas por

fatores sociais como grau de escolaridade, idade e *status* socioeconômico (BAGNO, 2007).

Essas variações linguísticas ocorrem no nível fonético-fonológico, o que justifica a ocorrência de alguns fenômenos como nasalização (ingreja, mortandela...), rotacismo (prástico, probrema...), betacismo (bassoura), assimilação (imbigo), etc. Diante disso, Bagno (2004), no prefácio “Por uma sociolinguística militante”, do livro *Educação em Língua Materna: A sociolinguística na sala de aula*, de Stella Maris Bortoni-Ricardo, afirma que esses fenômenos são “uma vitalidade prevista na própria arquitetura fonológica da língua portuguesa”, portanto, não constituem erros.

O meme da Fig. 6 expressa preconceito em relação ao uso da concordância verbal “a gente vamos”. A imagem de um gato de óculos, aparentemente pensativo, acompanhada da frase “Sempre que me dizem ‘a gente vamos’. Penso em desistir de ir aonde for”, perpassa a ideia de “erro linguístico”, pois a concordância verbal não está de acordo com o uso na norma culta.

A pessoa cogita desistir de ir aonde for com quem fala daquele modo. Scherre (2005, p. 129) pontua que “se um falante brasileiro não faz todas as concordâncias, considera-se que ele está falando errado, que não sabe português e, por falsa consequência, que não sabe pensar”. Tal estigma atribuído à construção “A gente vamos” é em decorrência de o falante não conjugar o verbo de acordo com o número do sujeito, já que conforme a norma culta, o correto seria “Nós vamos” ou “A gente vai”.

Essa possibilidade de utilizar a locução pronominal “A gente” como pronome pessoal é devido à mudança que houve na língua no decorrer do tempo, a qual, segundo Bagno (2007, p. 167), é “inevitável” e “irrefreável”. Além disso, a perda da concordância verbal é um dos traços característicos das normas populares brasileiras (LUCCHESI, 2015).

Na Fig. 7, apresentamos um meme que também veicula preconceito em relação à variedade social da língua, especificamente, no que diz respeito às expressões usadas mais predominantemente por um grupo de uma determinada faixa etária.

Fig. 7 – A gente não fala top



Fonte: Google imagens. Acesso em 10 mai. 2020.

Nesse meme, nota-se preconceito linguístico com relação à expressão *top*, como

podemos observar na frase “Se nada der certo, pelo menos a gente não fala top”, insinuando que pessoas que não falam *top*, mesmo sem obter êxito na vida, ainda estão em vantagem. Essa afirmação retrata um preconceito social com relação às variedades linguísticas denominadas como gírias, *top* foi muito usada por jovens de todo o país no período de 2015 a 2018, atualmente, nem tanto. É relevante mencionar que em algumas regiões da Bahia a expressão *top* é comumente usada, entretanto, não parece ser uma expressão relacionada à questão geracional somente (caberiam pesquisas para compreenderem esse uso).

As gírias constituem uma variedade como qualquer outra e, portanto, valem na língua, desde que sejam utilizadas no “lugar certo, no contexto adequado e com as pessoas certas” (BAGNO, 1999, p. 129-130). Portanto, trata-se de adequá-la à situação sociocomunicativa.

Nessa seção, discutimos os memes que apresentam preconceito linguístico. Na próxima, apresentaremos a análise dos que transparecem posicionamento contrário ao preconceito linguístico, contribuindo para combatê-lo.

2.2 COMBATE AO PRECONCEITO NOS MEMES

As Figs. 8 e 9 mostram memes explicitamente contrários ao preconceito linguístico.

Fig. 8 - Chega de preconceito linguístico



Fig. 9 - Aqui é Brasil



Fonte: Google imagens. Acesso em 10 mai. 2020.

Ambos os textos criticam o mito n.º 2 - “Brasileiro não sabe português” / “Só em Portugal se fala bem português”. Para Bagno (1999, p. 23-24) “o brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal”, pois a língua portuguesa brasileira tem sua gramática própria, que é diferente das regras de funcionamento da gramática do português de Portugal, embora também apresente semelhanças. Bagno (1999, p. 31) salienta que “nosso país é 92 vezes e meia maior que

Portugal, e nossa população é quase 15 vezes superior!". Assim, não tem como continuar alimentando uma norma linguística que não é nossa, quando de fato possuímos as nossas próprias normas, que contempla as variedades realmente empregadas por todos que no Brasil vivem.

Embora ambos os memes combatam o preconceito linguístico, também incitam a violência. O meme da Fig. 8 fomenta violência física e o da Fig. 9 sugere violência verbal, com a expressão *dane-se*. Porém, não se combate um erro com outro, ou seja, preconceito linguístico, uma violência simbólica, com violência física.

As Figs. 10 e 11 expõem visões contrárias sobre as atitudes de correção da fala dos outros.

Fig. 10 - Isso se chama preconceito linguístico Fig. 11 - O *crush* gosta de corrigir os outros



Fonte: Google imagens. Acesso em 10 mai. 2020.

O meme da Fig. 10 utiliza a imagem de uma menina com expressão reflexiva acompanhada do seguinte trecho: "Então me digam, você fica corrigindo a maneira que os outros falam? Isso se chama preconceito linguístico". O questionamento é endereçado para quem costuma fazer correção no modo como as pessoas falam, o que pode induzir a uma reflexão sobre essa postura. Também explicita por meio da resposta que quem tem tal prática está sendo preconceituoso. Pode-se dizer que o meme busca chamar atenção para a correção de fala e o preconceito linguístico.

Na Fig. 11, por meio da personagem que está com expressão de choro, infere-se que ela se sente decepcionada ao descobrir que o *crush*/paquera corrige a fala das outras pessoas, atitude que ela desaprova.

Nota-se que, em ambos os memes, há um posicionamento contrário à correção linguística, contribuindo para o combate ao preconceito linguístico, uma vez que os personagens reconhecem que não se deve corrigir a fala do outro, pois como discute Bagno (1999, 2007, 2013), a língua é heterogênea, logo, o fenômeno da variação linguística é inevitável.

Nas Figs. 12 e 13, apresentamos memes que fazem crítica à falta de reconhecimento das variantes do português brasileiro e à avaliação equivocada sobre uma variedade

regional.

Fig. 12 - Quando o normativo faz a sonsa

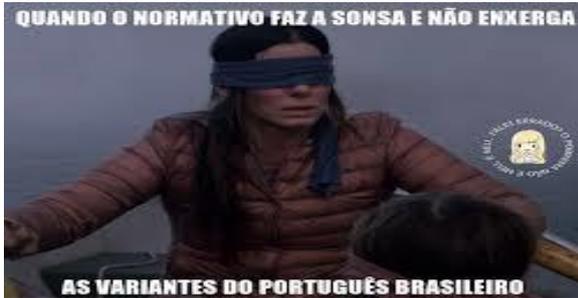


Fig. 13 - Mainha e painho



Fonte: Google imagens. Acesso em 10 mai. 2020.

O meme da Fig. 12 expressa uma crítica àqueles que só tomam como base de referência para o português brasileiro a tradição normativa que prescreve uma única norma linguística válida e, conseqüentemente, rejeitam todas as variedades linguísticas, insistindo em não enxergá-las e não reconhecê-las, ficando “vendados” à heterogeneidade linguística como o personagem.

O meme da Fig. 13 critica a visão de pessoas que consideram a variação semântica da variedade regional nordestina como erro. Podemos perceber, pela imagem, o chapéu de couro típico do Nordeste, seguida da frase “Nordestinos falam errado porque falam ‘mainha’ e ‘painho’ ao invés de pai e mãe”, seguida pela imagem de uma mulher com expressão desesperada, com as mãos na cabeça dizendo “Meu Deus! Jesus...”.

A crítica ocorre pelo fato de que algumas pessoas não entendem quem fala “mainha” e “painho”, discriminando uma variação semântica para se referirem a mãe e pai. Muitas pessoas não têm a consciência do que é variação linguística, que cada estado, região e cidade do nosso país apresenta seus modos de falar, a variação diatópica, nem por isso estão erradas (BAGNO, 2007).

Vale ressaltar que a variedade regional nordestina sofreu preconceito social nos últimos anos. Isso foi muito visível nas eleições de 2014, quando a presidente eleita, Dilma Rousseff, teve a maior parte dos votos no Nordeste. Por isso, uma parcela de eleitores da oposição passou a atacar essa região nas mídias sociais, usando, por exemplo, a variedade linguística regional para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa encontramos 21 memes veiculando preconceito linguístico relacionado à variação social (diatrática), regional e continuum rural/urbano (variação diatópica), na relação entre a língua falada e a língua escrita (diamésica) e 14 memes expressando posicionamento contrário e, assim, resistência e combate ao preconceito.

Entretanto, foram mais recorrentes manifestações de preconceito no que tange à variação social, a variedades linguísticas estigmatizadas, predominantemente associadas a classes e grupos sociais com menor acesso à escolarização. Ou seja, em relação às variedades da língua que se distanciam das prestigiadas, da norma culta e da norma-padrão, até mesmo nos casos de crença em erro linguístico tanto na fala quanto escrita, inferimos que a questão central se dá porque tais variedades são usadas por determinados grupos sociais.

Podemos perceber, então, que não é mais a defesa de uma língua homogênea ou de uma norma-padrão, mas a opressão de uma sociedade que não se coloca no lugar do outro e usa de um humor ácido, preconceituoso e de mau gosto, como podemos observar na análise dos memes.

Logo, relações de poder, dominação e opressão são veiculadas por meio da língua, em que pessoas que têm acesso às variedades prestigiadas rejeitam “[...] sistematicamente as variedades menos prestigiadas, e todos os aspectos culturais a elas atrelados” (SCHERRE, 2013, p. 54). Nessa perspectiva, também salientamos que a língua é propagadora daquilo que Lucchesi (2017) denomina de “racismo linguístico”.

No entanto, na análise também foram encontradas visões contrárias ao preconceito linguístico, com manifestações que representam resistência a ele, à opressão, à estigmatização e à exclusão pela linguagem, embora alguns dos memes se oponham por meio de posturas que expressam violência.

Por fim, salientamos que Bagno (1999, p. 72) nos chama a atenção ao mencionar que falar de língua é também falar de política, assim a reflexão política não deve estar ausente de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista, pois “do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social”.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é e como se faz.** São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- _____. Variação, avaliação e mídia: o caso do ENEM. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 191-224.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: Desatando nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. Norma-padrão brasileira: Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 37-61.
- _____. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.p. 19-30.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: A polarização sociolinguística do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. Entrevista com Dante Lucchesi. Entrevista cedida a Xoán Carlos Lagares. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 53, p. 17-28, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43747/0>. Acesso em: 19 mai. 2020.
- MARTINS, M. L. Preconceito Linguístico: Origem na Sociedade; Término na escola. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 305-326, Jan./Mar., 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/download/2887/9589/>. Acesso em: 19 mai. 2020.
- MENDES, E. dos P. **A flexão de caso pronominal no continuum do português popular da Bahia.**



270f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2016.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017a. p. 9-14.

_____. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017b. p. 27-31.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: Variação Linguística, Mídia e Preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Preconceito linguístico, variação linguística e ensino. Entrevista cedida a Jussara Abraçado. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 36, p. 11-26, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/36/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

_____. Verdadeiro respeito pela fala da outro: realidade possível?. **Revista Letra**, n. 8, v.1, p. 51-62, 2013. Disponível em: https://moodle.ead.unb.br/pluginfile.php/66243/mod_folder/content/0/Linguagem%20e%20preconceito%204.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 12 mai. 2020.

ANEXO

Quadro 2. *Links* de acesso dos memes

Meme figura 1: <https://www.gerarmemes.com.br/memes-galeria/478-chloe/42>

Meme figura 2:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fmiro.medium.com%2Fmax%2F788%2F1*noV NnZmQYgz2QsOGaZoMHw.png&imgrefurl=https%3A%2F%2Fmedium.com%2F%40rodrigoleoncontrer a%2Fferros-crassos-de-gram%25C3%25A1tica-e-neg%25C3%25B3cios-n%25C3%25A3o-combinam- 2e5785fa3c46&tbnid=8qkl5TdnVZG0uM&vet=12ahUKEwiUnuO2mpjrAhWFHKwKHZDKAOUQMygDe gUIARCDQAQ..i&docid=FYQNd2gRnIvtaM&w=788&h=525&q=memes%20pare%3A7o%20legal%20ma s%20fico%20corrigindo%20mentalmente%20seus%20erros%20de%20portugu%C3%AAs&ved=2ahUKEwi UnuO2mpjrAhWFHKwKHZDKAOUQMygDegUIARCDQAQ

Meme figura 3:

<https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fhumorsincericida.files.wordpress.com%2F201 5%2F08%2Fescreveerrado.jpg%3Fw%3D640&imgrefurl=https%3A%2F%2Fhumorsincericida.wordpress.co m%2F2015%2F08%2F19%2Fpaquera-online-x-escrever- errado%2F&tbnid=fi0lOo7qV0iDtM&vet=12ahUKEwiK- 8ahnprAhUG9qwKHSYMDcMQMygAegUIARC0AQ..i&docid=mc5subKeW- sdAM&w=600&h=449&q=meme%20veio%20falar%20comigo%20e%20escreveu%20errado%20n%C3%A3o %20escreve%20mais&ved=2ahUKEwiK-8ahnprAhUG9qwKHSYMDcMQMygAegUIARC0AQ>

Meme figura 4:

https://www.google.com.br/search?q=mim+n%C3%A3o+adicionar+mim+ser+indio+mal&sxsr=AleKk02gaTkXecFgj0jsuX6F-9- _ZU2v5w:1597527115476&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiskfKhIJ7rAhUHIL kGHVq3CkwQ_AUoAXoECAsQAw&biw=1242&bih=597#imgcr=lobfPyxcrHbIkM

Meme figura 5:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Flookaside.fbssbx.com%2Flookaside%2Fcrawler %2Fmedia%2F%3Fmedia_id%3D652986238439576&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2FI ronicoPauloGustavo%2Fposts%2F652986461772887&tbnid=K5Rp36A- EQXycM&vet=12ahUKEwiq7dDkopjrAhXGWKwKHW0wCOgQMygKegUIARC5AQ..i&docid=2aW9belt QVvN_M&w=500&h=500&itg=1&q=meme%20a%20voz%20do%20povo%20n%C3%A3o%20C3%A9%20 a%20voz%20de%20Deus&ved=2ahUKEwiq7dDkopjrAhXGWKwKHW0wCOgQMygKegUIARC5AQ

Meme figura 6:

[https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fpinimg.com%2Foriginals%2F2f%2Fbe%2Fc4 %2F2fbec49f25299e75cf0554bd016e92d3.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.pinterest.co.uk%2Fpin%2 F339247784413972553%2F%3Famp_client_id%3DCLIENT_ID\(%26mweb_unauth_id%3D%7B%7Bdefault .session%7D%7D%26from_amp_pin_page%3Dtrue&tbnid=9O_Y9Hn5CqdeRM&vet=12ahUKEwjilO7KqZj rAhXEe6wKHZtwAcMQMygCegUIARC4AQ..i&docid=o0TLf8v856lFbM&w=540&h=540&itg=1&q=MEM E%20SEMPRE%20QUE%20ME%20DIZEM%20A%20GENTA%20VAMOS&hl=pt- BR&ved=2ahUKEwjilO7KqZjrAhXEe6wKHZtwAcMQMygCegUIARC4AQ](https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fpinimg.com%2Foriginals%2F2f%2Fbe%2Fc4 %2F2fbec49f25299e75cf0554bd016e92d3.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.pinterest.co.uk%2Fpin%2 F339247784413972553%2F%3Famp_client_id%3DCLIENT_ID(%26mweb_unauth_id%3D%7B%7Bdefault .session%7D%7D%26from_amp_pin_page%3Dtrue&tbnid=9O_Y9Hn5CqdeRM&vet=12ahUKEwjilO7KqZj rAhXEe6wKHZtwAcMQMygCegUIARC4AQ..i&docid=o0TLf8v856lFbM&w=540&h=540&itg=1&q=MEM E%20SEMPRE%20QUE%20ME%20DIZEM%20A%20GENTA%20VAMOS&hl=pt- BR&ved=2ahUKEwjilO7KqZjrAhXEe6wKHZtwAcMQMygCegUIARC4AQ)

Meme figura 7:

<https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fpbs.twimg.com%2Fmedia%2FC0huHbDWQA A8MAu.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2Fborntidar%2Fstatus%2F812852776321617920&t bnid=10MzSSLToAln0M&vet=12ahUKEwjirPuCqZjrAhXEe6wKHZtwAcMQMygAegUIARCGAQ..i&doci d=8CUBNJBXWos4rM&w=382&h=142&q=se%20nada%20der%20certo%20pelo%20ao%20menos%20a%20>

gente%20n%C3%A3o%20fala%20top&ved=2ahUKEwjirPuCqZjrAhXEe6wKHZtwAcMQMygAegUIARC
GAQ

Meme figura 8:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fi.pinimg.com%2Foriginals%2F78%2Fd5%2Feb%2F78d5eb9e170d05fc226b81e67a9e82e7.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.pinterest.com%2Fpin%2F842243567784586023%2F&tbnid=AiGr2j0X36xKQM&vet=12ahUKEwjL947_qpjrAhUEQqwKHYWpC6gQMMygBegUIARC2AQ..i&docid=qvYILfgU7Km3ZM&w=1296&h=1296&q=meme%20o%20brasileiro%20n%C3%A3o%20sabe%20falar%20portugu%C3%AAs%20chega%20de%20preconceito%20lingu%C3%ADstico&ved=2ahUKEwjL947_qpjrAhUEQqwKHYWpC6gQMMygBegUIARC2AQ

Meme figura 9:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Flookaside.fbsbx.com%2Flookaside%2Fcrawler%2Fmedia%2F%3Fmedia_id%3D596493173845969&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2FFalseiErradoOPobremaNaoEMeuESeu%2Fphotos%2Famo-o-portugu%25C3%25AAs-brasileiro-e-vou-defend%25C3%25AA-lo%2F596493173845969%2F&tbnid=t8Aaus-RHjI90M&vet=12ahUKEwi1pNu2q5jrAhVIA6wKHdGFDaAQMygIegUIARC3AQ..i&docid=OGw9QD_eMOsLGM&w=610&h=404&q=dane-se%20como%20fala%20em%20Portugal%20aqui%20%C3%A9%20Brasil&ved=2ahUKEwi1pNu2q5jrAhVIA6wKHdGFDaAQMygIegUIARC3AQ

Meme figura 10: <https://images.app.goo.gl/hb1zSYtTzxaqQiXbA>

Meme figura 11:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Flookaside.fbsbx.com%2Flookaside%2Fcrawler%2Fmedia%2F%3Fmedia_id%3D669657766523589&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2FPeloFimdoPreconceitoLinguistico%2Fphotos%2Fo-papo-come%25C3%25A7ou-bom-galera-reunida-o-crush-t%25C3%25A1-ali-dando-um-mole-sorrisos-para%25C3%25A1-e%2F669657766523589%2F&docid=-PyoVQDI4pmz1M&tbnid=Qajnl7daDxx4M&vet=1&w=560&h=373&itg=1&h1=pt-BR&bih=553&biw=1188&ved=2ahUKEwiW6KSxrZjrAhVXoXIEHZ5-B0wQxiAoAXoECAEQGQ&iact=c&ictx=1

Meme figura 12:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Flookaside.fbsbx.com%2Flookaside%2Fcrawler%2Fmedia%2F%3Fmedia_id%3D1173210832840864&imgrefurl=https%3A%2F%2Fsqa.facebook.com%2FFalseiErradoOPobremaNaoEMeuESeu%2Fposts&tbnid=0cVaMIPn8Pv56M&vet=12ahUKEwj09eCarpjrAhVKZKwKHbjUDLUQMygAegUIARCeAQ..i&docid=IPNPOY0ZmXLOoM&w=656&h=524&itg=1&q=meme%20quando%20o%20normativo%20faz%20a%20sonsa%20e%20n%C3%A3o%20enxerga%20as%20variantes&ved=2ahUKEwj09eCarpjrAhVKZKwKHbjUDLUQMygAegUIARCeAQ

Meme figura 13:

https://www.google.com/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Feventos.ifrn.edu.br%2Fslap%2F2015%2Fwp-content%2Fuploads%2F2016%2F03%2F10391853_590868091088687_7333261711264381661_n.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Feventos.ifrn.edu.br%2Fslap%2F2015%2Fcompeticao-de-memes-o-genero-textual-como-elemento-de-reflexao-sobre-a-variacao-linguistica%2Findex.html&tbnid=JWm-ZIACfCpmJM&vet=12ahUKEwik0MixrpjrAhUW_qwKHVhyC8MQMygAegUIARCzAQ..i&docid=1pFEY8MPy2CbnM&w=720&h=720&q=meme%20nordestinos%20falam%20errado&ved=2ahUKEwik0MixrpjrAhUW_qwKHVhyC8MQMygAegUIARCzAQ



Título em inglês
**LINGUISTIC PREJUDICE IN MEMES: FROM STIGMATIZATION
TO RESISTANCE**

INVENTÁRIO